

## **O COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NO ENSINO SUPERIOR EM MEIO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS**

### ***KNOWLEDGE SHARING IN HIGHER EDUCATION AMID NEW TECHNOLOGIES***

Gabriela Kuhnen <sup>1</sup>, Esp.

Maria José Baldessar <sup>2</sup>, Dra.

(1) UDESC

e-mail: [gabkuhnen@gmail.com](mailto:gabkuhnen@gmail.com)

(2) UFSC

e-mail: [mbaldessar@gmail.com](mailto:mbaldessar@gmail.com)

Palavras-chave: Compartilhamento do conhecimento, interdisciplinaridade, TIC.

Resumo: Com a ampliação do acesso à informação proporcionada pelas TICs, o conhecimento ganhou *status* de recurso, e a informação, agora compartilhada por muitos, possibilitou novas formas de relacionamento e interação, provocando mudanças sociais, econômicas e culturais. Na educação, percebe-se que não há mais espaço para o sistema tradicional, pois os grandes repositórios de conhecimento, a possibilidade de encontros nos espaços virtuais sem as barreiras físicas, a facilidade no recebimento e envio de arquivos alteraram totalmente a configuração do ensino, incentivando uma maior interdisciplinaridade. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa com docentes do ensino superior com o objetivo de verificar como está acontecendo o compartilhamento de conhecimento entre eles e as principais ferramentas utilizadas nesse processo. Dentre os resultados, percebe-se que há subutilização das tecnologias e suas ferramentas e que existe intencionalidade e disposição, mas pouca concretização no compartilhamento do conhecimento.

Key-words: Knowledge sharing, Interdisciplinary, ICT

*Abstract: The expansion of access to information provided by ICTs, the knowledge gained resource status and information, now shared by many, enabled new forms of connections and interaction to bring about social, economic and cultural changes. In education, it is perceived that there is no more space for the traditional system, since the great repositories of knowledge, the possibility of meetings in virtual spaces without physical barriers, the ease of receiving and sending files, totally changed the configuration of education, encouraging greater interdisciplinarity. This article presents the results of a research with higher education professors and it aims to verifying how knowledge sharing is happening and the main tools used in this process. Among the results it is noticed that the underutilization of the technologies and their tools and that there is the intentionality and disposition, but little concretization in the sharing of knowledge.*



## 1 Introdução

Novas formas de pensar e compreender surgiram com o rompimento da linearidade proporcionada pelas tecnologias digitais a partir da ascensão da *internet*. As infinitas interconexões dentro da rede permitem vagar por qualquer ambiente pelo qual se deseje, onde a temporalidade e espacialidade são completamente diferentes daquelas do mundo físico. Esse cenário, possibilitou o surgimento da Inteligência Coletiva, a que muitos têm acesso e podem produzir informação e conhecimento. Os indivíduos agrupam-se para compartilhar e constituem-se em comunidades de rede e de aprendizagem. Nesse cenário, a educação não pode ser tratada da forma tradicional, pois a relação com o conhecimento se alterou: está muito mais dinâmica, integrada, e os indivíduos interagem e modificam-no com novas visões e perspectivas. Dessa forma, este artigo pretende verificar se os docentes, como detentores do conhecimento, compartilham informação e trocam experiências entre colegas de curso, e quais as ferramentas mais utilizadas para isso. O objetivo é perceber se as mídias digitais estão sendo usadas para esta disseminação, ou se as trocas ainda se fazem, em sua maioria, por métodos tradicionais, ou, ainda, se existe uma cultura de compartilhamento do conhecimento, possibilitando processos de ensino-aprendizagem mais interdisciplinarizados, bem como o surgimento de comunidades de aprendizagens.

Os principais referenciais teóricos utilizados nessa análise são Friedman (2009), para contextualizar a mudança da Sociedade Industrial para a Sociedade do Conhecimento; Jenkins (2009), para conceituar cultura da convergência e inteligência coletiva; Cavalcanti e Nepomuceno (2007), para discutir comunidades em rede e Kenski (2004), para abordar o cenário das novas tecnologias no meio educacional.

O método utilizado foi uma pesquisa exploratória e bibliográfica e a aplicação de um questionário com oito perguntas de múltipla escolha e duas perguntas dissertativas para grupos de professores do ensino superior. Foram coletadas informações sobre aspectos relativos à intenção, efetivo

compartilhamento do conhecimento com colegas docentes e investigação de principais meios para isso. Espera-se com essa análise verificar como esta relação está acontecendo em meio a tantas mudanças sociais, econômicas e culturais trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

## 2 Rumo à Sociedade do Conhecimento

As novas tecnologias de informação e comunicação mudaram radicalmente a forma como os seres humanos se relacionam com o mundo e principalmente como adquire e compartilha conhecimentos [KESNKI, 2004].

“As mídias, como tecnologias de comunicação e informação, invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte dele. Para seus frequentes usuários, não são mais vistas como tecnologias, mas como complementos, como companhias, como continuação de seu espaço de vida.” [KESNKI, 2004 p.25].

Esse cenário começou a se delinear no final do século XX, com um investimento maciço em tecnologia: através da conectividade de banda larga, melhorias e evolução dos computadores, dos *softwares* e correios eletrônicos. Isso permitiu uma grande transformação da sociedade, gerada pelo poder da globalização. O avanço nas tecnologias de comunicação e informação permite fragmentar projetos, transmitir, distribuir, produzir, reproduzir, conferindo uma explosão de informação acessível a qualquer pessoa que disponha dessas tecnologias. Friedman [2009] considera esta revolução como a terceira globalização: a 3.0. A primeira acontece com a descoberta das Américas em 1492 a 1800: o principal agente era a força física e iniciou-se a globalização dos países. A segunda globalização, chamada de 2.0, foi de 1800 a 2000: com as mudanças econômicas causadas pela revolução industrial. As multinacionais se expandiram e buscaram novos mercados. É considerada a era da sociedade Industrial [ANTUNES, 2008], onde o valor estava na terra, capital e trabalho. Nesta era, houve o nascimento e a maturação da economia global, pois os bens e informação movimentavam-se entre os continentes, constituindo um mercado global. Foi a era da globalização das empresas.

Foi no século XXI, com as mudanças causadas pela possibilidade de o indivíduo fazer parte de uma rede mundial e a ampliação do acesso e produção da informação, que iniciou a globalização 3.0. Os indivíduos não são mais apenas receptores, passam a produtores de conteúdo e podem ter acesso a uma variedade de informação, ilimitada, pois os conteúdos e informações são gerados e abastecidos a todo tempo. É um período de transição de uma Sociedade Industrial para uma Sociedade do Conhecimento. O conhecimento torna-se fator de produção e um recurso valorável [ANTUNES, 2008].

Indissociável do ser humano, o conhecimento como recurso se diferencia dos demais: por ser ilimitado, ao contrário de recursos naturais, pois se desenvolve conforme a capacidade cognitiva do ser humano; é associado ao desenvolvimento de tecnologia, pois, ao aplicá-lo, pode ser usado em benefício e aperfeiçoamento de técnicas existentes. É altamente propagável e pode ser materializado, caso seu resultado seja um produto, serviço ou tecnologia; está distribuído pelo mundo, transformando a economia e dando acesso aos que souberem como criar, organizar e mobilizar o conhecimento [ANTUNES, 2008]. Possui valor, mas, de forma diferente de outros recursos, não é fácil mensurá-lo, já que tem característica subjetiva. Além disso, o valor varia conforme a sua utilização. Para que a organização se beneficie com o conhecimento dos indivíduos, não basta que estes detenham o conhecimento, é necessário ser transferido para outros membros. E, se apenas transferido, ainda tem seu valor limitado, pois é necessário que ele seja armazenado e preservado para uso futuro. Torna-se um ativo valioso quando armazenado e acessível, e seu valor aumenta ao aumentar sua acessibilidade e a frequência de sua utilização. Quando disposto em redes, armazenados, reutilizados e rapidamente integrados em novos processos, torna-se uma grande vantagem estratégica [JASIMUDDIN, 2005].

A globalização 3.0 foi realmente alcançada com a Web 2.0: iniciou-se em 2004 uma nova fase da internet, onde os usuários podiam estar conectados

24 horas com maior velocidade, sem problemas de navegação ou transmissão de grandes arquivos [CAVALCANTI e NEPOMUCENO, 2007]. É um conceito “... voltado para interação, e capaz de implementar novas formas de produzir conhecimento: a Inteligência Coletiva em rede.” [CAVALCANTI e NEPOMUCENO, 2007, p.4].

Cavalcanti e Nepomuceno (2007) destacam o contexto que antecede a esse cenário: foi um momento em que havia necessidade de flexibilidade administrativa por causa da globalização do capital, da produção e do comércio. É um momento em que as pessoas exigem por liberdade individual e de comunicação e há um grande avanço tecnológico proporcionado pela revolução microeletrônica.

Os avanços obtidos foram o acesso à base de dados a distância, resultando em um aumento de *websites* de conteúdo, bibliotecas virtuais e comércio eletrônico. Além disso, as pessoas podiam publicar produções a um custo muito baixo, gerando um grande número de produtores intelectuais, proporcionando *websites* pessoais, *blogs*, *videoblogs* e todo tipo de produção independente. A troca de arquivos e mensagens em tempo real diminui o tempo de propagação da informação e a distância entre as pessoas, viabilizando o surgimento das comunidades em rede. Foi o início da comunicação multidirecional que ocorre de muitos para muitos, sem a barreira física das distâncias [CAVALCANTI e NEPOMUCENO, 2007].

Com essas possibilidades de uso das informações, há uma grande mudança nas relações sociais, econômicas e até mesmo culturais. O ser humano tem novas ferramentas para usar, disseminar, compartilhar e guardar o conhecimento. Nesse ambiente, onde uma infinidade de informação encontra-se dispersa, os consumidores são incentivados a fazer novas conexões, a procurar conteúdos em múltiplas plataformas de mídia e migrar a qualquer parte em busca do que desejam. É o que Jenkins [2009] chama de cultura da convergência. Esta ocorre na mente dos indivíduos, em seus cérebros, nas interações com as mídias e isso tem implicações no modo como se

aprende, como se trabalha, na participação política e na forma de interação com outras pessoas.

Nesse cenário de culturas emergentes, o consumidor pode ter participação significativa, não é mais apenas espectador, pode ser ativo e interagir com os conteúdos e outros participantes. E é quando cada participante está disposto a contribuir, a associar recursos, unir habilidades, a trabalhar em conjunto é que temos a Inteligência Coletiva [JENKINS 2009]. Nesse novo espaço virtual, onde os usuários estão divulgando, avaliando, comentando, distribuindo, replicando, construindo e gerando conhecimento surgem as comunidades em rede [CAVALCANTI e NEPOMUCENO, 2007].

“Estas comunidades em rede são o epicentro dos projetos inovadores do futuro, sejam elas articuladas em torno de um objetivo específico, sejam desarticuladas, atuando como canais de rápida divulgação e distribuição de ideias e produtos, de efeito efetivamente viral, de multiplicação e difusão rápida de determinada ideia ou produto.” [CAVALCANTI e NEPOMUCENO, 2007 p.7].

Essas comunidades podem ser articuladas ou desarticuladas. Nas articuladas, a participação é efetiva e consciente, o que já não ocorre nas desarticuladas. Elas possibilitam o desenvolvimento da Inteligência coletiva e se bem articuladas são repositórios de conhecimento com capacidade de coleta e análise rápida de dados. Esse encontro regular de grupos com o mesmo interesse traz um ganho para o usuário, serve de filtro para não perder tempo com o que não é relevante para ele, nem com excesso de informação ou com a descentralização do conhecimento gerada pela internet.

Para que as comunidades em rede possam ter êxito, é preciso entender que nem todos são abertos a adotá-las. As pessoas inovadoras, proativas, familiarizadas com a tecnologia e também que dependem do conhecimento para sua sobrevivência estarão mais propícias. Ambientes menos hierarquizados e mais dinâmicos também facilitam esse processo.

Porém esse novo meio, por si só, não garante que

ele seja utilizado e aproveitado em sua totalidade, são necessárias ações e ferramentas que potencializem seu uso. A partir das transformações de antigos paradigmas, este novo ambiente, traz grandes possibilidades e é necessário criatividade e perseverança para novas experimentações de projetos que visam a comunicação e compartilhamento do conhecimento. [CAVALCANTI e NEPOMUCENO, 2007].

### 3 A Globalização 3.0 na Educação

Neste novo contexto, o conhecimento que é mutante e ampliado, reflete diretamente nas formas de pensar e fazer educação. Ao gerar diferentes formas de armazenamento, tratamento e difusão da informação, muda-se a maneira de ensinar e aprender. Os espaços de aprendizagem (escolas, universidades), antes bem definidos e separados dos espaços de descanso ou lazer, agora se confundem, pois já não há barreiras físicas para transpor. Os universos de informação e conhecimento estão disponíveis e acessíveis em qualquer ambiente, desde que haja um computador e uma rede de conexão [KENSKI 2004].

Nesse meio, os conhecimentos estão interligados de muitas formas, não existe a clara divisão e fragmentação que se vê na educação tradicional. Surge uma nova lógica de conhecimento onde a sua apropriação e uso estão muito mais disponíveis. Kenski [2004] afirma que são necessários novos tipos de raciocínio e reflexões em que relações entre áreas do conhecimento, aparentemente distintas, podem ser utilizadas para compreensão e resolução de problemas. Assim, o trabalho em equipe torna-se bastante apropriado, já que “... procuram-se novas e diferenciadas formas de produção e descoberta de saberes.” [KESNKI, 2004, p.59]. Este novo saber nasce das trocas e divergências de opiniões geradas por uma equipe interdisciplinar. Esse novo universo condiciona a reorganização dos currículos e as práticas educativas, muda a dinâmica do processo e favorece as práticas cooperativas, o fortalecimento de parcerias, trocas e a consolidação da Inteligência coletiva.

Nas instituições de ensino, a utilização das

múltiplas formas de comunicação e interação via redes coloca-as em intercâmbio de saberes com outras instituições educacionais. Essa cooperação viabiliza o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e possibilita variadas trocas educacionais.

“O compartilhamento de informações e as múltiplas possibilidades de comunicação e interação imediatas garantem que escolas, universidades, instituições educacionais e culturais, empresas e organizações de todo o mundo possam produzir e utilizar cooperativamente conhecimentos, produtos, serviços e conteúdos nas mais diferentes áreas científicas.”  
[KENSKI, 2004 p.91].

Dessa forma, Alava [2002] reitera a importância de troca entre colegas de trabalho e traz a indagação de como devem ser esses ambientes de aprendizagem: espaços reais, ou modalidades específicas no ciberespaço como correio eletrônico, fóruns, etc.

“Não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação de forma geral, mas a maneira como essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação.”  
[KENSKI, 2004, p.121].

No meio acadêmico, a busca da informação é uma prática constante, muitos estudos demonstram por qual meio essa informação chega aos professores e pesquisadores, mas poucos deles abordam como é a dinâmica de compartilhamento do conhecimento entre eles [DI CHIARA, ALCARA E TOMANEL, 2010]. A publicação das informações e seu compartilhamento é algo corriqueiro nesse meio, pois qualquer pesquisa, para ser validada, deve ser comunicada e compartilhada através da literatura científica, sendo que o desencadeamento do fluxo das informações acontece através do processo de comunicação [DI CHIARA, ALCARA E TOMANEL, 2010]. Esse compartilhamento se dá por diferentes meios: face a face, por meios eletrônicos: fóruns, e-mails, redes de relacionamento, ou por leituras de textos [DI CHIARA, ALCARA E TOMANEL, 2010]. Entre aluno e professor, um método muito comum são as comunidades virtuais de aprendizagem. Essas são comunidades de cursos ou disciplinas onde acontecem múltiplas e incessantes trocas com o

intuito de atender seus membros no anseio de aprender, realizados totalmente na *internet* [KENSKI, 2004].

Para obter bons resultados em uma comunidade de aprendizagem, é necessário uma abordagem bastante ativa, colaborativa e construtivista. É essencial uma participação ativa dos envolvidos. As autoras discutem principalmente a relação ensino-aprendizagem *on-line* na educação a distância (PALLOF E PRATT 2002), mas o que se pretende verificar com este artigo é se são utilizadas essas comunidades virtuais de aprendizagem entre docentes, principalmente entre professores de um mesmo curso.

Esse meio, que pode ser organizado em comunidades de rede e aprendizagens, favorece a estruturação do conhecimento através de dinâmicas interdisciplinares, com conteúdos que compartilham temas, metodologias ou objetos de estudo [SANTOMÉ, 1998].

Isso pode facilitar a compreensão de problemas complexos, porque esse meio permite sejam analisados através de múltiplos olhares. Santomé (1998) define interdisciplinaridade como: “...algo diferente, que reúne estudos complementares de diversos especialistas em um contexto de estudo de âmbito mais coletivo.” [SANTOMÉ, 1998, p.73].

Dentro da literatura pesquisada, pouco se encontrou acerca das comunidades de aprendizagem entre docentes, a não ser em grupos de pesquisas. Di Chiara, Alcara e Tomanel [2010], destacam, em seu estudo, algumas categorias de compartilhamento da informação entre pesquisadores: 1. Compartilhamento Intencional decorrente de um evento planejado, como bancas de avaliações, orientações de pesquisa, etc.; 2. Compartilhamento Unilateral, decorrente de busca e do compartilhamento da informação em livros, artigos e periódicos; 3. Compartilhamento com Lideranças que se constitui na busca de informação em pessoas mais experientes, renomadas ou especialistas; 4. Compartilhamento Multi e Interdisciplinar: a pesquisa acontece em outras áreas ou similares para o melhor desenvolvimento do trabalho. Pode

ocorrer entre pares do mesmo departamento, ou de outros grupos, até diferentes instituições; 5. Compartilhamento Obrigatório: Existe principalmente em função da necessidade de troca, quando se recorre a diferentes instituições para usos de sua infraestrutura, como laboratórios; 6. Compartilhamento Não Intencional: conversas informais que ocorrem muitas vezes no ambiente acadêmico e em eventos como congressos. 7. Compartilhamento Mediado: acontece entre dois pesquisadores e mais um indivíduo que acaba por ser o mediador, muito comum em orientações de alunos de pós-graduação; 8. Compartilhamento Contínuo: acontecem mais comumente em grupos de pesquisa, onde o compartilhamento acontece com muita confiança e de forma espontânea; 9. Compartilhamento em Grupos: com objetivo em comum, o grupo se fortalece com as trocas. Na busca do compartilhamento Multi e Interdisciplinar, assim como em grupo, Pratt e Palloff [2002] destacam a necessidade de iniciativa e criatividade na forma de apresentar e organizar seu conteúdo, assim como o questionamento constante, o pensamento crítico, o diálogo e a comunicação.

“Quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes.” [PRATT e PALLOFF, 2002, p.141].

Se trocarmos alunos por docentes, na citação acima, transpomos este meio de troca para um universo de professores, os quais também se encontram em constante aprendizado, pois se vive em um mundo onde a atualização tem que ser constante, onde já não existe o saber sólido e consolidado. Kenski [2004, p.100] afirma: “O que é aprendido na escola – no campus – já não mais oferece ao aluno a confiança do saber atualizado”, todos estão em constante aprendizado. As possibilidades de comunidades de aprendizagem abrem espaços para discussão, reflexão, trocas e colaboração.

Assim como os alunos devem ser orientados pelo professor em um determinado objetivo comum [PALLOFF e PRATT 2002], os docentes também devem trabalhar em conjunto com o mesmo

objetivo de repassar e construir conhecimentos referentes à formação do aluno, como por exemplo, em um curso de graduação.

Porém é importante destacar que, dentro dessas culturas de conhecimento [JENKINS, 2009], as pessoas somente permanecem nessas comunidades, se as mesmas satisfazem suas necessidades emocionais e intelectuais. Elas também tendem a ser temporárias, pois se formam e dispersam com muita flexibilidade e geralmente duram o período de suas tarefas. São muito espontâneas e só há efetiva participação, quando há engajamento e interesse dos participantes.

Nas comunidades de aprendizagem, o trabalho torna-se integrado, as relações entre as disciplinas se modificam, ficam intercomunicáveis, transformam-se as metodologias, conceitos e ocorre um enriquecimento de ambos os lados. As aprendizagens podem ser transferidas com muito mais facilidade para outros contextos disciplinares.

#### 4 Método e Discussão

Com base nas informações apresentadas pelos autores pesquisados, é possível perceber que as tecnologias de informação e comunicação têm proporcionado grandes mudanças na disseminação e compartilhamento do conhecimento afetando profundamente a forma de ensinar e aprender. Sendo assim, elaborou-se um formulário do Google através do *link*:

<https://docs.google.com/forms/u/0/>: para realizar o questionário e avaliar a percepção dos docentes em relação ao compartilhamento do conhecimento com os demais colegas de trabalho. A pesquisa foi composta de oito questões de múltipla escolha, com possibilidade de escolher apenas uma opção e duas questões dissertativas. Todas as respostas foram anônimas. O link gerado pela pesquisa foi: <https://docs.google.com/forms/u/0/>.

O questionário foi respondido por docentes de diferentes universidades, tais como: UFSC, UDESC, Unisul, Universidade Estácio de Sá, Uniasselvi, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal do Paraná e IFSC. Não houve preocupação, neste momento, em delimitar

grupos específicos, as amostras são aleatórias e os docentes são de áreas distintas. Não foram considerados faixa etária, sexo, grau de formação, anos de experiência docente, ou se é instituição pública ou privada. A pesquisa foi divulgada por correio eletrônico ou *chat* de redes sociais diretamente para os docentes e ficou ativa por quatro dias, de 30 de maio de 2016 a 02 de junho de 2016, sendo respondida por 49 pessoas.

Na primeira questão, percebe-se que 100% dos entrevistados consideram que trocar informações com colegas de trabalho é importante, independente da área de atuação do docente. Presume-se, então, que deveria haver uma propensão à colaboração, porém vemos algumas divergências nas respostas seguintes.

Na questão 2, procuramos perceber qual o grau de importância que o docente dá para a interdisciplinaridade e se ela se apresenta como fator importante no processo ensino-aprendizagem. As respostas mostram que a maioria coloca a interdisciplinaridade como extremamente importante, no entanto tivemos uma resposta que é de baixa a média e outra que é quase sem importância.

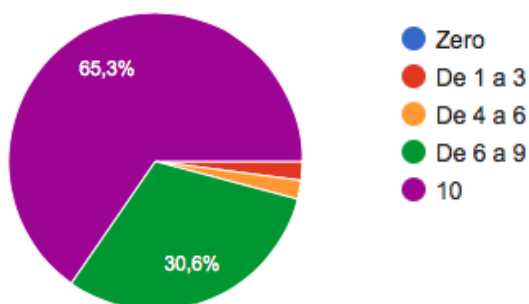


Gráfico 1: Importância da interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem.  
Fonte: desenvolvido pelas autoras.

Essa questão da importância da interdisciplinaridade fica um pouco mais clara ao observarmos as resposta da pergunta: “Você tem consciência sobre a influência e impacto de sua(s) disciplina(s) em outras disciplinas do mesmo curso?” 29 pessoas têm total consciência do

impacto da sua disciplina nas demais, mas 19 pessoas têm somente consciência parcial desta influência e 1 pessoa respondeu que não tem consciência. Isso demonstra que a interdisciplinaridade parece não ter uma cultura estabelecida em cursos de nível superior.

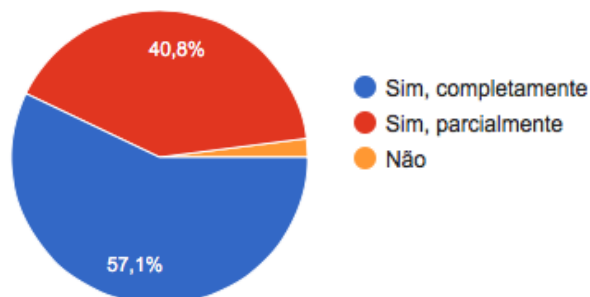


Gráfico 2: Influência reversa de disciplinas de um mesmo curso.  
Fonte: Desenvolvida pelas autoras.

Apesar de 40,8% dos entrevistados não saberem ao certo a influência de sua disciplina nas dos colegas, quase que 100% das pessoas responderam que consideram ter algo para contribuir em outras disciplinas. Apenas 1 pessoa respondeu não saber.

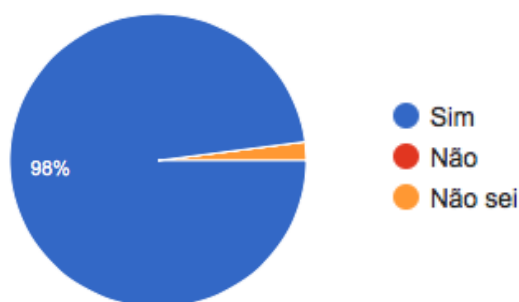


Gráfico 3: Contribuição em termos de conhecimento para demais disciplinas do curso. Fonte: desenvolvido pelas autoras.

No que se refere à intenção e disponibilidade de trocas de conhecimento, houve um dos entrevistados que não estaria disposto ao compartilhamento do conhecimento, mesmo afirmando anteriormente que considera importante o compartilhamento do conhecimento com os

demaís colegas de curso, que tem consciência total do impacto de sua disciplina para as demais e considera a interdisciplinaridade de 6 a 9 no grau de importância. Entre os demais participantes, 8,2% estão dispostos a compartilhar o conhecimento com restrições. Mas a grande maioria, 89,8%, é favorável a trocar informações com os demais colegas.

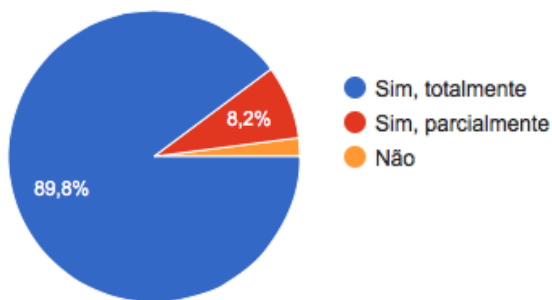


Gráfico 4: Dispositivo do compartilhamento do conhecimento referente a sua disciplina com os demais colegas de curso.

Fonte: Desenvolvida pelas autoras.

Na seguinte questão, o grau de positividade das respostas foi ainda maior. A disponibilidade para receber conhecimento é maior do que a de repassar. Isso mostra como os indivíduos, mesmo na academia, são mais tendenciosos a serem passivos, do que ativos.

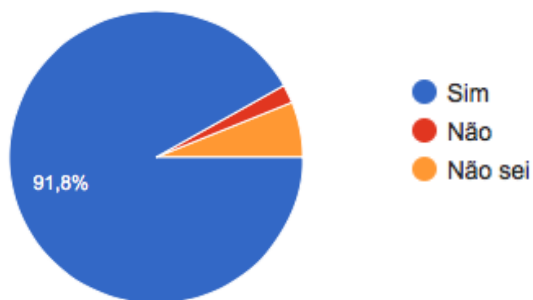


Gráfico 5: Possibilidade de se beneficiar ao receber conhecimentos dos colegas.

Fonte: desenvolvido pelas autoras.

A próxima pergunta dissertativa, indagava sobre a forma de compartilhar o conhecimento. Os meios convencionais foram os mais citados: artigos

apareceram em 29 respostas e livros em 12. Porém este tipo de compartilhamento acaba sendo unilateral, possibilitando poucas trocas que é justamente a problemática deste artigo. Reuniões, conversas e debates apareceram em 30 respostas. Como resposta isolada apareceu 7 vezes. O uso das Tics, no compartilhamento, apareceu em 17 respostas. Algumas citadas foram: redes sociais como *facebook*, *twitter*, sistema acadêmico da universidade, e-mails e compartilhamento de arquivos pelo *Google drive*. Houve um dos entrevistados, o de número 17, que parece não se encontrar em um ambiente de troca de conhecimento. Na questão 3, respondeu que não tem consciência sobre o impacto de sua disciplina nas demais e, na questão 6, não sabe se poderia se beneficiar dos conhecimentos dos demais colegas. Isso confirma a falta de cultura interdisciplinar e de trocas de saberes. Na questão acima, este mesmo entrevistado, afirma que, no seu curso, não existe prática regular de compartilhamento, por isso não compartilha. Esta resposta sugere que um ambiente em que exista a cultura do compartilhamento pode ser fator de influência para tal comportamento, pois este docente poderia estar compartilhando conhecimentos com professores de outras instituições nas quais esse sistema seja mais frequente.

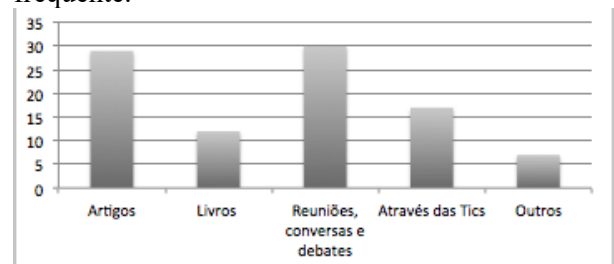


Gráfico 6: Formas de compartilhar o conhecimento.

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre a existência de espaços virtuais para troca de ideias entre docentes, referente às disciplinas ministradas, a questão seguinte, mostrou que as comunidades de aprendizagem não são muito regulares entre docentes. Apesar de 35,4% dos entrevistados utilizarem as TICs para o compartilhamento do conhecimento, apenas 26,5% utilizam um espaço virtual para trocas de ideias, o que pode não constituir em si comunidades de aprendizagem. A grande maioria ainda não utiliza esta ferramenta para compartilhar o conhecimento.

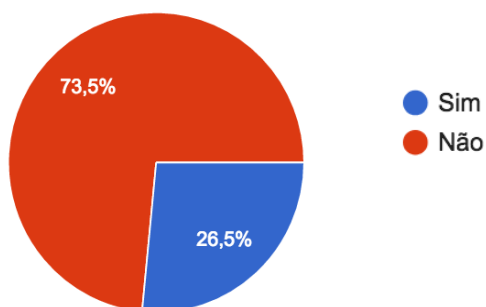


Gráfico 7: Existência de espaço virtual para trocas e compartilhamento do conhecimento entre docentes.  
Fonte: desenvolvido pelas autoras.

Na sequência, para os que responderam haver um espaço virtual de trocas, a pergunta era se acham este meio eficiente. Como algumas pessoas que responderam não à pergunta anterior, acabaram por assinalar esta questão, vamos desconsiderar as respostas incorretas. Neste caso, tivemos 12 respostas: 41,6% responderam que não é eficiente e 58,3% responderam que sim, é eficiente.

A última pergunta, também dissertativa, tinha o objetivo de averiguar quais ferramentas dentro das TICs são mais utilizadas para compartilhar o conhecimento. Apenas nove entrevistados disseram não usar nenhum tipo de mídia para compartilhar o conhecimento, contradizendo as respostas da primeira questão dissertativa na qual apenas 18 pessoas responderam usar as TICs no compartilhamento do conhecimento. Inclusive o entrevistado 17 que respondeu não compartilhar o conhecimento na questão 7, nesta questão respondeu compartilhar através de site próprio, *facebook*, *twitter* e *moodle*. Por isso, podemos constatar como o conceito de compartilhamento de conhecimento, Tecnologia de Informação e Comunicação e Mídias, pode ser confuso para alguns docentes. Confirmando isso, o entrevistado número 25 colocou que compartilha através das TICs na questão 7, mas na questão acima, respondeu que não usa nenhum tipo de mídia na *internet* para compartilhar. Percebe-se ainda que o domínio da informação como algo de valor, como um recurso, faz com que indivíduos tenham receio no compartilhamento do conhecimento. Observa-

se isso na resposta do entrevistado número 4 que cita que ainda possui medo de plágio, e prefere sistemas de compartilhamentos fechados. As principais ferramentas citadas foram: mídias sociais como o *Facebook*, sistemas acadêmicos como o *Moodle*, sistemas fechados como *Slideshare*, *Google Drive*, *Dropbox* e e-mails e sites como *blogs* e *Youtube*.

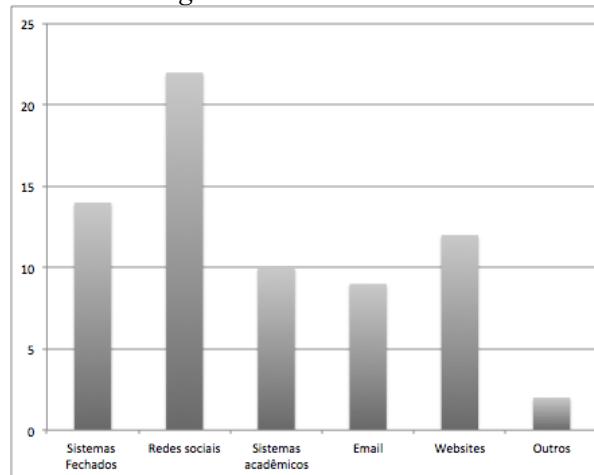


Gráfico 8: Principais mídias utilizadas na *internet*.  
Fonte: elaborado pela autora.

## 5 Considerações Finais

As ferramentas de compartilhamento têm passado por muitas mudanças, a globalização 3.0 proporcionou a democratização da informação, possibilitando acesso praticamente ilimitado ao conhecimento.

Essa transformação parece ainda não estar estabelecida pelo que demonstrou a análise dos dados, nem mesmo no meio acadêmico, onde a informação é seu mais valioso recurso. Percebe-se que há intenção em compartilhar, mas pouco engajamento. Algumas dificuldades e barreiras demonstradas pelas respostas foram, a falta de confiança nos colegas de trabalho e concorrência muito acirrada neste meio, confirmadas pelo principal meio de compartilhamento ainda serem os artigos que geram pontos e status ao docente, prevalecendo quase que como uma forma de compartilhamento necessária à continuidade da carreira acadêmica. Alguns entrevistados demonstraram que o ambiente não favorece a interação social, ou é propício ao

compartilhamento, além de reuniões que muitas vezes são também obrigatórias e, por vezes, abordam o conteúdo superficialmente. Observa-se que a cultura do compartilhamento ainda está muito ligada às relações sociais, à confiança e à incerteza de perder *status*. Além disso, essa transformação na forma de pensar, interagir e compartilhar, proporcionadas pela revolução da internet 2.0, ainda está sendo subutilizada no meio acadêmico. As TICs são pouco aproveitadas como recurso ou ferramenta. Elas podem auxiliar a educação de diferentes maneiras, desde que haja um efetivo compartilhamento do conhecimento entre os docentes. Podem facilitar a gestão dos saberes (conteúdos) disciplinares que se integram à medida que os docentes conseguem ter acesso a outras disciplinas com informações sobre as atividades propostas, currículos, dados sobre os professores, históricos de atividades desenvolvidas, eventos, trabalhos e provas ministrados como em uma comunidade virtual de aprendizagem. Esses dados, se armazenados, constituem a memória do curso e podem estar disponíveis e acessíveis para todos os docentes. Porém, parece existir uma idealização de ambientes e comunidades de aprendizagem virtuais descritas na literatura que não se concretizaram neste meio.

Pode se concluir que, para se efetivar um cenário de trocas, compartilhamento e interdisciplinaridade, o indivíduo tem que ser ativo, participar, além de estar disposto a interagir, a oferecer outros olhares, diferentes saberes que, por vezes, podem aparentemente distanciar-se da informação original, mas que, por outro lado, podem gerar um auxílio significativo e uma evolução no conteúdo oferecido, melhorando o desempenho dos envolvidos no ato de ensinar. É necessário encarar os outros docentes como equipe de trabalho, ter confiança, estar acessível a novos desafios e responsabilidades, incentivar o clima de respeito e colaboração, participação e engajamento no processo educacional, para criar um novo sistema de aprendizado e se possa construir uma educação mais participativa e coletiva.

## BIBLIOGRAFIA

ALAVA, Séraphin. **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?**. Artmed, 2002.

DI CHIARA, I.G.; ALCARA, A. R.; TOMANEL, M.I.. **Tipos de Compartilhamento de informação e do conhecimento no ambiente de P&D**. Inf. & Soc.:Est. João Pessoa, v.20, n.2, p. 105-118, maio/ago, 2010.

FRIEDMAN, T. L. **O Mundo é Plano: Uma breve História do Século XXI**. 3ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São JENKINS, Henry. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

PALLOFF, Rena M., et al. **Construindo comunidade de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line**. Artmed, 2002.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## Agradecimentos:

Agradeço a todos os participantes da pesquisa que reservaram um pouco do seu tempo para responder ao questionário.